

DEMOCRACIA, COMUNICAÇÃO & POPULISMO NO SÉC. XXI: O RISCO DA FALSA SIMETRIA NO DEBATE PÚBLICO NA MÍDIA TRADICIONAL

DEMOCRACY, COMMUNICATION & POPULISM IN THE 20TH CENTURY XXI: THE RISK OF FALSE SYMMETRY IN PUBLIC DEBATE IN TRADITIONAL MEDIA

ALEXANDRE DOS SANTOS GOSSN

Doutorando em Estudos Contemporâneos junto ao CEIS 20 pela Universidade de Coimbra, mestre em Direito pela Universidade Católica de Santos, pesquisador, escritor e advogado.

Endereço: contato@alexandregossn.com.br

RESUMO

Partindo-se da premissa de que a comunicação democrática da mídia tradicional pressupõe dar espaço igual às ideias diferentes ou até opostas, este trabalho pretende investigar até que ponto a concessão de igualdade garante informação de qualidade. No objetivo, almeja-se investigar, pois, a possibilidade do processo informacional se degenerar em uma falsa simetria, que ao invés de se pautar pela equidade e isonomia, acaba por abraçar a igualdade formal e redundar em desinformação. A metodologia será o exame bibliográfico interdisciplinar, buscando-se seus limites epistemológicos.

Palavras-chave: Comunicação; Democracia; Desinformação; Populismo; Negacionismo; Neoliberalismo; Pós-Verdade; Regulamentação.

ABSTRACT

Starting from the premise that the democratic communication of traditional media presupposes giving equal space to different or even opposing ideas, this work intends to investigate to what extent the granting of equality guarantees quality information. In the objective, we aim to investigate, therefore, the possibility of the informational process degenerating into a false symmetry, which instead of being guided by equity and isonomy, ends up embracing formal equality and resulting in misinformation. The methodology will be the interdisciplinary bibliographic examination, seeking its epistemological limits.

Keywords: Communication; Democracy; Populism; Denialism; Misinformation; Neoliberalism; Post-Truth; Regulation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UM CONTEXTO; 01. A GENEALOGIA DA COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA E O DEBATE CIENTÍFICO NA MÍDIA TRADICIONAL; 02. EMPILHANDO PANQUECAS: A POLÍTICA QUÂNTICA, AS REDES SOCIAIS E O MEGAFONE CONCEDIDO ÀS FRANJAS EXTREMISTAS; 03. COMUNICANDO E DESINFORMANDO: OS RISCOS DA FALSA SIMETRIA; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS OU OBRAS DE CONSULTA

INTRODUÇÃO

Os antigos postulados de Fukuyama¹ estão ruindo: passado o período áureo da difusão da ordem democrática com a queda do muro de Berlim (1989) e o colapso da URSS (1991), observa-se ao redor do planeta um franco recuo da democracia, tanto pelo enfoque quantitativo, como sob o prisma qualitativo, como inúmeros estudos realizados por Universidades, Institutos, ONGS e *Think tanks* têm revelado (por exemplo, *Freedom House* e o estudo de Costa Pinto² citado ao final deste *paper*). Partindo-se da premissa de que a democracia liberal não prescinde da liberdade de imprensa e esta - a despeito da diluição do seu papel pelo advento das redes sociais - ainda se faz presente e necessária como revelou a pandemia do coronavírus, de modo que, investigar o papel da mídia tradicional no combate e também na difusão de notícias falsas, desinformação e negacionismo é tarefa premente.

A comunicação democrática da mídia tradicional pressupõe dar espaço igual às ideias científicas, políticas e filosóficas diferentes ou até opostas, sendo que este trabalho pretende investigar até que ponto a suposta concessão de igualdade absoluta no espaço de debates públicos garante informação de qualidade. Almeja-se investigar, outrossim, se a mídia tradicional logra modular os excessos cometidos pelas redes sociais e sua velocidade, que é também a sua marca distintiva. O objetivo norteado pelo artigo é o de investigar, pois, a possibilidade do processo informacional se degenerar em uma falsa simetria, que ao invés de pautar o debate nas mídias tradicionais pela equidade e isonomia, termina por abraçar a igualdade formal e redundar em desinformação. A metodologia será o exame bibliográfico interdisciplinar, buscando-se seus limites epistemológicos, enquanto as fontes (indicadas ao final) se assentam em revisão bibliográfica e dados coletados em instituições não governamentais, veículos da imprensa e periódicos acadêmicos. Para se dar início à investigação, contudo, faz-se necessária uma breve contextualização.

Cabe lembrar que a comunicação de fatos na forma de jornais ou periódicos amadores, e sem finalidade necessariamente pública, existe há milhares de anos, muito antes da invenção da prensa tipográfica por Gutenberg. Reconhecer-se isso, contudo, não significa concluir que essas

¹FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

²COSTA PINTO, António. **O Regresso das ditaduras?** Lisboa: Fundação Manuel dos Santos, 2021.

manifestações de comunicação da antiguidade consistiam em jornalismo ou a imprensa como instituição típica de uma república ou outra forma política que seja democrática.

O direito à informação, à imprensa livre, à difusão dos fatos e do exercício do jornalismo não existia (para os positivistas) ou não havia sido reconhecido (para os naturalistas) e só veio à lume, como recorda Lynn Hunt³, após a Revolução Francesa (1789), embora não se negue, como se expôs acima, que movimentos jornalísticos já eram esboçados séculos antes.

Figura 01: slide de autoria própria, apresentado em seminário de doutoramento na Universidade de Coimbra, em Estudos Contemporâneos em 13 de junho de 2022, na unidade curricular Educação & Comunicação. Teor: imagem que evoca a tipografia criada por Johannes Gutemberg no século XV, fotografia de exemplar da Gazeta de Lisboa (1715) e gravura de Marianne, símbolo que marcou a Revolução Francesa (1789).

INTRODUÇÃO: CONTEXTO POLÍTICO & TECNOLÓGICO:



Fontes: FREE JPG, WIKIPEDIA e DIÁRIO DE NOTÍCIAS

A verdade é que o jornalismo, a imprensa e a comunicação de fatos de forma mais institucional, tal como eclode após a Revolução Francesa (vide gravura de Marianne na figura 01 acima) é um evento que mescla saltos tecnológicos com rupturas sociopolíticas e anseios de grandes contingentes populacionais. A criação da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg (consoante

³ HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ícone da figura 01, acima) no meio do século XV constitui um dos saltos tecnológicos que irradiaria pressões sociais decorrentes do espalhamento da informação. Livros que careciam de copistas para serem comercializados ou transmitidos passaram a ser impressos e distribuídos com facilidade inédita. Poucas décadas depois eclode a Reforma Protestante, que apregoa ideias que atingem em cheio o monopólio da informação que a Igreja Católica ainda tentava manter. A fusão da revolução de Gutenberg, com a revolta de Lutero, enseja que bíblias sejam produzidas em idiomas locais (que não o latim) e em escala impensável para a época. Periódicos, como a *Gazeta de Lisboa*, já circulavam em Portugal, por exemplo, muitas décadas antes da queda da Bastilha, vide figura 01, logo acima.

Sob o peso dos eventos contrarrevolucionários, o direito à imprensa livre nunca esteve garantido sob o prisma do exercício ou mesmo do reconhecimento desde então, passando por períodos turbulentos, tanto no século XIX, durante o período que Eric Hobsbawm chama de era dos impérios, como ao longo do século XX, sob o peso da era comunista, do apogeu fascista e nas décadas posteriores sob o constante ataque de golpes militares ao redor do mundo, a exemplo da Espanha, Portugal, Brasil, Cuba, Chile e Argentina. Ainda hoje, a despeito de ser raro um regime coibir oficialmente a imprensa em suas cartas políticas e normas legais, é fato que o direito à imprensa é violentamente hostilizado e reprimido por líderes políticos, aparatos estatais, força econômica, censura acadêmica, milícias presenciais ou virtuais, cultura do cancelamento e simplesmente, violência verbal, física e assassínio. Sob o peso de ser um dos bastiões da ordem democrática, um quarto poder como alguns afirmam ou a janela que areja os bastidores do poder, a mídia tradicional sempre foi a que deteve mais poder econômico, informativo e político, e portanto, mais possibilidade de influenciar positiva ou negativamente cidadãos, grupos e os próprios destinos democráticos.

Tanto no afã de cumprir o seu papel de difusão de informação quanto quiçá como mecanismo para tentar coibir abusos pessoais ou corporativos, a imprensa fagocitou como princípio (há séculos) o contraditório, a acusação sucedida de defesa, a apuração mediante confrontação de dados e tal qual a Ciência, ou o Direito, buscou ao menos em princípio elementar, tentar se postar em uma posição de equidistância das plúrimas vozes cacofônicas que orbitam os fenômenos sociais e a própria democracia. Essa postura de aguardo do contraditório é também tratada por

pesquisadores do papel da imprensa (como Botton⁴) como um local de oitiva equidistante, isto é, um espaço em que o jornalismo tradicional tentará dar aos poliédricos lados dos fatos o mesmo espaço e peso, deixando o público decidir pelo que aparentaria ser mais fidedigno (não necessariamente, verdadeiro).

Em certa medida, é assim que tem sido há séculos, mas nas últimas décadas ocorreram algumas mudanças significativas, que ao se somarem ao advento das redes sociais, passaram a, possivelmente, pôr em risco a qualidade do debate público, a fiel apuração dos fatos, a fidedignidade na comunicação dos fenômenos e com estes, direitos como à vida, à saúde, à informação, e claro, à própria democracia.

1 A GENEALOGIA DA COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA E O DEBATE CIENTÍFICO NA MÍDIA TRADICIONAL

Se é certo e justo se afirmar que a mídia tradicional há séculos tenta se posicionar dentro deste local de equidistância, é importante tentar localizar no tempo e espaço em que momento este local de suposta simetria da aferição dos fatos se degenerou em assimetria, e o pior, se passando por simétrico, ou seja, uma falsa simetria. Segundo o pesquisador Uriel Fancelli⁵, se não é possível de todo cravar-se com cem por cento de certeza, é ao menos plausível se situar este momento de degeneração em dois eventos importantes do século XX: a eclosão da pseudociência durante a Alemanha Nazista (muito bem detalhada por Fratini⁶) e o início dos “debates” sobre os males do fumo, capitaneados pela indústria tabagista, seriamente interessada em contra-atacar as publicações científicas que começaram a borbulhar nas décadas de 40 e 50 sobre os prováveis males do cigarro.

⁴ BOTTON, Alain de. **Notícias**: manual do usuário. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

⁵ FANCELLI, Uriã. **Populismo & Negacionismo**: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista. Curitiba: Appris, 2021.

⁶ FRATINI, Eric. **Ahnernberbe**: os cientistas de Hitler. Tradução de Rita Custódio e Alex Tarradellas. Lisboa: Bertrand, 2021.

Figura 02: slide de autoria própria, apresentado em seminário de doutoramento na Universidade de Coimbra, em Estudos Contemporâneos em 13 de junho de 2022, na unidade curricular Educação & Comunicação. Teor: imagem de propagandas tabagistas, (atualmente proscritas por lei em grande parte do mundo Ocidental), fotografia que denota óleo cru ou qualquer combustível fóssil, fotografia de um episódio do programa “Grande Debate” promovido pela rede brasileira da CNN e figura pictórica contendo diversas logomarcas de variadas redes sociais.

01 – A GENEALOGIA DA COMUNICAÇÃO
CONTEMPORÂNEA E O DEBATE CIÊNTIFICO
SUPOSTAMENTE SIMÉTRICO



Fontes:
HYPENESS, SOCIENTÍFICA, NOTÍCIAS DA TV
e FREEPIK

Como recorda Fancelli⁷, a indústria do tabaco atuou ao menos de duas formas para desinformar, sem que a mídia tradicional tenha funcionado como contrapeso no momento oportuno. O primeiro momento, foi quando surgiu a propaganda tabagista (vide um exemplo na figura 02, logo acima), em geral associada à juventude, beleza, poder, virilidade, felicidade e aventura, tendo a mídia tradicional papel importante em não apenas não se contrapor, como até mesmo incentivar o uso do tabaco e ser fartamente remunerada pela veiculação de campanhas publicitárias, que iam desde anúncios em revistas e periódicos, até vídeos comerciais no rádio, televisão e patrocínios de eventos artísticos e esportivos como *title sponsor*. O segundo momento eclodiu quando a indústria tabagista passou a patrocinar cientistas e “autoridades” ou pessoas importantes ao debate público, para que estes divulgassem suas “opiniões” e “pesquisas”, e assim, replicassem as conclusões

⁷ Idem nota 5.

científicas quanto aos males decorrentes do hábito de fumar. Por décadas, a estratégia tabagista deu certo e o debate ficou emperrado em um falso empate, certamente como frisa Fancelli⁸, decorrente desta falsa simetria ensejada pela mídia tradicional. Como se a ciência pudesse ser feita e aperfeiçoada pelo debate entre pesquisadores e charlatães, a mídia tradicional transformou discussões sérias em verdadeiros ringues de luta livre, onde as regras e métodos importavam menos que o mandamento da simetria (falsa, como hoje se sabe), e claro, audiência.

Outro momento crucial onde a mídia tradicional tornou a falhar (e segue ainda falhando), como recordam Fancelli⁹, Bruzzone¹⁰, Bucci¹¹ e o Caderno Brasileiro de Ensino de Física¹² foi no contra-ataque negacionista promovido pela indústria de combustíveis fósseis (vide figura 02 acima) em face das conclusões sobre o aquecimento global. Desde os anos 70, a ciência, por suas mais variadas vozes, tem alertado aos problemas ambientais do planeta, pinçando como um dos mais graves (senão, o mais), o drama do aquecimento planetário, que acarreta consequências desastrosas aos seus habitantes humanos e não humanos. Alteração do PH dos oceanos, radicalização dos índices e ciclos pluviométricos, gestação de tempestades imprevisíveis, aumento no número de enchentes e enxurradas, extinção de corais, degelo das calotas polares, subida de nível dos mares, perda gradual e talvez irreversível da biodiversidade que garante a homeostase da vida global e, até mesmo, a facilitação do surgimento de novas pandemias... todos estes itens e muitos outros têm sido martelados à exaustão por cientistas e acadêmicos em congressos e na própria mídia, ao que esta respondeu *a priori* concedendo mais e mais espaço para “especialistas” contrariarem as conclusões científicas, ensejando um “debate”. O exercício do contraditório faz parte tanto da prática jornalística como da praxe científica, sendo imprescindível para o aperfeiçoamento de ambas. O que há que se questionar é não apenas sobre a qualidade do contraditório que a mídia tradicional tem propiciado, mas se ainda é possível considerar como contraditório quando um especialista de verdade discute fenômenos complexos com pessoas despreparadas sobre o tema em debate.

Parece evidente que, no ardor em tentar competir com as redes sociais, mais alternativas, mais fluídas, mais instantâneas, mais horizontais, anárquicas e populares (vide ícones constantes da

⁸ Idem notas 5 e 6.

⁹ Idem notas 5, 6 e 7.

¹⁰ BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: democracia e política no mundo digital**. São Paulo: Contexto, 2021.

¹¹ BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019

¹² CADERNO BRASILEIRO DE ENSINO DE FÍSICA - **O ataque organizado à ciência como forma de manipulação: do aquecimento global ao coronavírus** - <http://dx.doi.org/>

figura 02 acima), a mídia tradicional veio radicalizando o espaço que fornece em sua grade aos debates, de modo a tentar manter a sua áurea de veículo informativo simétrico. Essa simetria vem se revelando falsa, como ficou evidente na pandemia do coronavírus, onde grupos de especialistas se viam constrangidos a debater com *influencers* negacionistas. A rede televisiva CNN, de origem norte-americana, por exemplo, exportou seu produto conhecido como “Grande Debate”, em que se viu justamente tudo, menos um debate de qualidade. Ao invés de divulgar conhecimento, o programa terminou por servir apenas para oradores se digladiarem e testarem suas oratórias e popularidade, cujo exemplo pode ser observado na figura 02 acima.

2 EMPILHANDO PANQUECAS: A POLÍTICA QUÂNTICA, AS REDES SOCIAIS E O MEGAFONE CONCEDIDO ÀS FRANJAS EXTREMISTAS

O pesquisador ítalo-suíço Giuliano da Empoli¹³ trata, em sua obra “Os engenheiros do caos”, do fenômeno nomeado como política “quântica”. Mas, o que seria a política quântica, praticada na contemporaneidade? Para definir o presente, Empoli¹⁴ antes conceitua o passado. Presos aos meios de comunicação do passado e dependendo da mídia tradicional, os políticos precisavam atuar politicamente em campanhas de comunicação que convergiam ao centro do espectro político. Sem deter em profundidade dados dos seus eleitores, os comunicadores desferiam “rajadas” discursivas, almejando atingir o maior número possível de pessoas com uma única mensagem. Esse cenário propiciava essa modulação de eventual radicalismo do candidato e mantinha os eleitores e políticos na mesma realidade fenomênica e discursiva, mas isso mudou radicalmente nas últimas décadas.

Dispondo de uma vastidão de dados dos eleitores como recorda Empoli¹⁵, e contando com o desconhecimento do funcionamento das redes pela maioria dos usuários, como leciona Cathy O’Neill¹⁶ ao recordar que 7/10 dos norte americanos supõe que o *feed* das suas redes é neutro, as campanhas políticas puderam trocar seu armamento vetusto por um pós-moderno. Se na política *newtoniana*, era preciso disparar rajadas discursivas quase a esmo, tentando atingir o maior número de indivíduos a partir de mensagens para grupos, na política quântica é possível disparar pacotes

¹³ EMPOLLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch 1ª ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

¹⁴ Idem nota 12.

¹⁵ Idem notas 12 e 13.

¹⁶ O’NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. Tradução de Rafael Abraham. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

comunicacionais customizados, ou seja, individuais. A era da política quântica permite que o político module, apare, formate, edite e remeta a sua mensagem de forma individualizada a cada um dos seus eleitores. Aboliu-se a realidade comum, instituindo-se bolhas personalizadas, onde o aspirante político pode prometer não transigir separadamente a cada um dos seus eleitores.

Se, como recorda Bruzzone¹⁷, a tecnologia concedeu megafones a todos, obviamente que também legou poder comunicacional às franjas mais extremistas da sociedade, que outrora acabavam silenciadas pelo vai e vem mais ou menos padronizado das mensagens forjadas para grandes grupos. Se, para Debbord¹⁸, já vivíamos a era do espetáculo no decorrer da era do entretenimento da sociedade de massas a partir do rádio, cinema, televisão e jornais, a era da política quântica permitiu o surgimento da era do espetáculo instantâneo e individualizado, onde qualquer um pode falar e ser ouvido, anarquizando e horizontalizando as hierarquias discursivas. Se, em parte, as redes sociais democratizaram o espaço público, por outro, subverteram muitas regras de boa convivência, equipararam coisas diferentes e diferenciaram coisas iguais. O resultado disso é que, como Alain de Botton¹⁹ leciona, as redes sociais anabolizaram uma necessidade já sentida pela mídia tradicional: manter em funcionamento uma linha de montagem de notícias a todo vapor para uma sociedade viciada em manchetes, mas não necessariamente em informação.

Botton²⁰ frisa com sagacidade que a sociedade não está necessariamente em busca de conhecimento, mas sim de notícias, e notícias não são sinônimos, nem de informação e muito menos de conhecimento. Informação é um dado, é transmissão de mensagem, é algo que chega da comunicação, não corresponde a algo com qualidade e que constitui conhecimento. Conhecimento demanda tempo de coleta de dados, depuração, decantação, sedimentação, digestão e esse tempo mais dilatado tem se revelado incompatível com a lógica das redes sociais, que pressionam ainda mais a lógica do jornalismo, que já vinha sendo escanteada pela mídia tradicional, previda pela fluidez das relações sociais e comunicação na nossa era, como alertara Bauman²¹, pela compressão

¹⁷ Idem nota 9.

¹⁸ DEBBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

¹⁹ Idem nota 3.

²⁰ Idem notas 3 e 18.

²¹ BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

do espaço e tempo, como apontara Harvey²², e submergida na era do dataísmo como cunhara Harari²³.

A comunicação da política quântica se faz, portanto, segundo a lógica de “empilhar panquecas”, isto é, capturando feixes ou segmentos diferentes da população e os tornando parte de algo maior, sem necessariamente estes terem algum senso de grupo, mas considerando-se como entes com voz e autorizados a expressar, desde os radicalismos mais absurdos até as tolices mais pueris. A mídia tradicional, rendida pela lógica da política quântica, pela necessidade de *clickbait*s e audiência, se vê na contingência de emular mais e mais as mídias alternativas, e ao invés de cercar e criar uma reserva de mercado, se postando como salvaguarda de informação de mais qualidade, acaba por tentar rivalizar com as redes sociais ao se abrir para debates que não são verdadeiramente debates, mas meras discussões viralizantes. Ao aplicar um mero simulacro da lógica jornalística da equidistância na apuração dos fatos, mas apenas como pretexto para, em verdade, abrir espaço às franjas radicalizadas da sociedade. A mídia tradicional termina por legitimar meras opiniões contra conclusões científicas, simples fofocas contra investigações sérias e transforma patéticos gurus em autoridades sobre assuntos que não dominam ou sequer são iniciados.

Institui-se uma lógica anárquica em que títulos acadêmicos, proficiência, especialização e anos para a aquisição de *know how* são desvalorizados para rivalizarem com a lógica da “lacrção”, do histrionismo e dos *clickbait*s, porque a apuração da verdade, em geral, requer moderação, parcimônia e paciência, predicados dispensáveis às redes sociais e à lógica que regula a comunicação pós-moderna. Um exemplo que ilustra bem este contraste entre a lógica científica e a mentalidade reinante das redes sociais é o do filme “Não Olhe para cima” (Netflix), quando tentando emular o negacionismo da mídia tradicional, de parte da população e o populismo de diversos líderes políticos, a película do diretor Adam McKay mostra dois cientistas serem humilhados pela opinião pública, tratados como catastrofistas, em especial a pesquisadora vivida pela atriz Jennifer Lawrence, o que denota ainda as altas doses de misoginia que regulam o espaço público. Mas, o que importa frisar neste artigo, é que a lógica utilizada pela mídia tradicional no filme foi a mesma das redes sociais: o jornalismo profissional não serviu como anteparo à pressa dos usuários das redes para condenar os cientistas como falsários, tampouco se manteve

²² HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Traduzido por Adail Ubirajara Sobral. Rio de Janeiro: Loyola, 2017.

²³ HARARI, YUVAL. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Tratadas as formas com que este processo de desinformação social atinge as mídias tradicionais a partir das mídias alternativas e apontados os riscos imediatos, é chegado o momento de tratar dos riscos remotos e apontar alguns casos concretos onde a falsa simetria teve contribuição relevante no empobrecimento do debate público.

3 COMUNICANDO E DESINFORMANDO: OS RISCOS DA FALSA SIMETRIA

Como lecionam Morelock²⁴, Finchelstein²⁵, Przeworski²⁶ e Runciman²⁷, todos estudiosos dos autoritarismos contemporâneos, o populismo não é um produto da era contemporânea, mas a era contemporânea produziu, certamente, sua própria versão do populismo. Os pesquisadores se dividem sobre o termo inicial do populismo, que pode ser desde a antiguidade, com os demagogos da democracia ateniense, ou os tiranos romanos, passando pelos narodniks russos do final do século XIX, Huey Long, nos EUA, nos anos 1930, e até Perón e Vargas na América do Sul dos anos 1930 a 1950. E sim, o populismo sempre tentou utilizar os meios de comunicação disponíveis, como também o fez o fascismo com grande maestria, como aponta Finchelstein. Finchelstein²⁸, por sinal, aponta que o populismo peronista e varguista bebeu na fonte fascista e sorveu tudo que pôde aproveitar em relação à forma de comunicação do líder autoritário para com as massas.

Mas, o populismo do século XXI não seria o que é sem as redes sociais e o formato comunicacional que distingue a era pós-moderna. Mussolini, Hitler, Long, Perón ou Vargas jamais sonharam em deter tantos dados e canais de comunicação quanto detêm os líderes e partidos políticos populistas da contemporaneidade como Trump, Salvini, Bolsonaro, Johnson, Orbán, Obrador, Maduro ou Modi. E se a comunicação das redes molda o populismo, o populismo também molda as redes. Como fica a mídia tradicional neste cenário? Sob ainda mais tensões. Como faz parte da lógica das redes sociais anarquizarem e horizontalizarem a comunicação e como esse

²⁴ MORELOCK, Jeremiah & NARITA, Felipe Z.. **O problema do populismo: teoria, política e mobilização**. Jundiaí: Paco, 2019.

²⁵ FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Tradução de Jaime Araújo. São Paulo: Almedina, 2019.

²⁶ PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Schwarcz, 2019.

²⁷ RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. 1ª ed., São Paulo: Todavia, 2018.

²⁸ Idem nota 23.

mecanismo acentua o que Moises Naim²⁹ chama de esfarelamento do poder (em diversas dimensões, inclusive quanto ao poder de credibilidade), observa-se a erosão da autoridade científica em um ambiente comunicacional que dá o mesmo espaço a qualquer um, seja um *PHD*, seja um *influencer*. Ocorre que, o fascismo emprestou ao populismo o discurso anti-intelectual e anticientífico, e com o populismo contemporâneo, isto não é diferente: na verdade, esse vetor anti-pesquisa, anti-Universidades e anti-bibliotecas se torna deveras acentuado no neopopulismo, ao conjugar o *zeitgeist* anárquico das redes sociais com o DNA reacionário do populismo. O resultado disso é a projeção de forças políticas, sociais, econômicas e culturais que tentam dobrar as mídias tradicionais e demovê-las da sua função jornalística típica ou quando isso não for possível, confrontá-la ao máximo. E como o populismo faz isso? Usando a dinâmica da simetria (falsa como está se demonstrando) jornalística e científica contra o próprio jornalismo e por consequência, contra a própria democracia.

A ficção apresenta metáforas que tornam o entendimento destes processos sociais assaz mais compreensíveis, como por exemplo por meio das distopias. Em 1995, o sagaz escritor português José Saramago, publica o brilhante “Ensaio sobre a Cegueira” onde apresenta uma distopia cirurgicamente precisa em relação ao momento pelo qual o mundo atravessava, pois trata-se de um romance densamente pessimista lançado em um momento de grande otimismo no mundo. Saramago retrata uma sociedade vítima da própria cegueira, justamente quando o mundo celebrava a queda do muro de Berlim (1989) e o fim do comunismo (1991) no Leste Europeu. Nove anos depois, ou seja, em 2004, Saramago lança nova distopia, que era uma continuidade da obra de 1995: o “Ensaio sobre a lucidez”. O escritor lusitano novamente traz más notícias: descreve com rematado pessimismo uma sociedade praticamente ingovernável, no qual, em revolta contra o sistema político, nas eleições em um país fictício, quase 90% dos eleitores vota em branco, criando enorme crise de legitimação aos partidos e políticos, o que resulta na adoção de medidas cada vez mais antidemocráticas até a instituição de um estado de exceção e um verdadeiro golpe contra a população. Saramago farejou, ao menos 10 anos antes, a era da antipolítica que marcaria o neopopulismo, chamado de tecnopopulismo por Patrícia Campos Melo³⁰ e ciberpopulismo por

²⁹ NAIM, Moises. **O fim do poder:** como os novos e múltiplos poderes estão mudando o mundo e abalando os modelos nos negócios, nas igrejas e na mídia. São Paulo: LeYa, 2019.

³⁰ MELLO, Patrícia C. **A máquina do ódio:** notas de uma repórter sobre fakenews e violência digital. São Paulo,: Companhia das Letras, 2020.

Bruzzone³¹. E o neopopulismo tem como sua espinha dorsal exatamente a mentalidade antipolítica, dogmas rarefeitos, maleabilidade de ideologias combinada com extremismo de ação, ligação direta do líder ao eleitor e tudo isso amalgamado para culminar na subversão do espaço público em debates formatados para humilhar a política tradicional. O populismo é niilista e iconoclasta: sua mensagem se destina a viralizar e demolir, mas inexistem propostas para reconstrução da sociedade a partir das ruínas que pretende gerar. Outro excelente exemplo ficcional do populismo e sua pegada antipolítica está no episódio *Waldo* da série britânica *Black Mirror*. Eis a premissa: em meio as eleições para o poder executivo em uma cidade britânica, uma rede de televisão sediada na Inglaterra lança um programa lastreado em uma personagem que não passava de um urso de pelúcia azul e virtual (vide figura 04 adiante), comandado por um ator e dublador. O urso chamado Waldo só tinha uma função: provocar com acidez os candidatos e demoli-los por meio de estratégias baixas e ridicularizantes. Waldo não apresentava nenhuma pergunta ou proposta, mas aparecia nos programas televisivos e desfilava nas telas de veículos pelas campanhas eleitorais nas ruas da cidade. Como protesto, muitas pessoas começaram a declarar seus votos em Waldo nas sondagens eleitorais, de modo que Waldo rapidamente se torna um candidato competitivo, o que aumenta seu grau de exposição, rende mais convites midiáticos e claro, impropérios desferidos em face dos concorrentes e entrevistadores.

Figura 04: *slide* de autoria própria, apresentado em seminário de doutoramento na Universidade de Coimbra, em Estudos Contemporâneos em 13 de junho de 2022, na unidade curricular Educação & Comunicação. Teor: gravura do episódio “WALDO” da série BLACK MIRROR, disponível no serviço de *streaming* da NETFLIX.



³¹ Idem notas 9 e 16.

O que o episódio Waldo da série *Black Mirror* demonstra é que a mídia tradicional fica em xeque sob a pressão do populismo, justamente ao tentar dar espaço equânime a todos os lados envolvidos, de modo que, em um debate político, mesmo a candidatura que pratica a antipolítica é tratada como uma alternativa viável, válida e que deve ser ouvida pelo mesmo tempo e espaço que as demais. A premissa de que o jornalismo tradicional deve se pautar por uma simetria absoluta se revela na verdade uma crença fundamentalista de que haverá equidade se abrindo as portas à iniquidade: é evidente que daí só poderia nascer uma falsa simetria, que ao invés de valorizar a aperfeiçoar a democracia, acaba por denegrir a política e erodir as práticas democráticas de dentro para fora, em uma situação típica da aplicação do paradoxo da tolerância de Karl Popper³².

O funcionamento de uma sociedade de desconhecimento, como leciona o filósofo basco Daniel Innerarity³³, pode ser simplesmente disfuncional, atuando como uma lógica para perplexos, o que demandará uma política para perplexos. Como leciona o referido autor, a sociedade migrou de uma era cujo conhecimento era marca distintiva e um objetivo social, para uma era onde a fartura deste semeou desinformação e desentendimento. O excesso de informação aliado ao excesso de fluidez das relações sociais, desintegração de sindicatos, partidos políticos e meios de sociabilidade e aceleração do tempo lançaram o indivíduo contemporâneo a um meio de enorme incerteza. Em um ambiente assim, apurar a verdade é difícil, senão impossível, e as certezas se tornam mais valorizadas que o conhecimento científico, o qual pela sua natureza, é mutável, inconstante e jamais definitivo. Sobreviver a tantas incertezas cria, segundo Innerarity, altos graus de ansiedade e enormes camadas populacionais não estão aptas (ou não se sentem) a enfrentar esses elevados graus de incerteza. Este artigo propõe se referir a essa ideia de Innerarity como a migração da era do “EU SEI” para a era do “EU SOU”, onde a verdade / realidade não tem mais funções puramente cognitivas, mas sim, identitárias e existenciais. Para proteger a própria personalidade e suas mais íntimas convicções, o indivíduo ansioso com a sociedade do desconhecimento se fecha nas fontes de informação que jorram apenas conteúdo, que reforça seu viés cognitivo: se exposto a fontes de qualidade que contrariem suas crenças, este cidadão reagirá sob o efeito *backfire*, e recrudescerá suas crenças justamente para preservar a segurança da sua personalidade. É neste caldo cultural atípico, onde grassa a desinformação e “teimosia” cognitiva, que a democracia está tentando

³² POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Tradução de Milton Amado. 3 ed. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1987.

³³ INNERARITY, Daniel. **Política para perplexos: o fim das certezas**. Tradução de Leonardo A. R. T. dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2018 & INNERARITY, Daniel. **A política em tempos de indignação: a frustração popular e os riscos para a democracia**. Tradução de João Pedro Jorge. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

sobreviver, não sem grandes e maiores riscos, na medida em que as bolhas estão se individualizando e atomizando mais e mais a sociedade, e líderes populistas têm tencionado corroer os regimes democráticos de dentro para fora como esmiuça Levitsky³⁴.

Pode-se deixar o mundo ficcional e se debruçar sobre a realidade fenomênica, constatar-se-á que os mecanismos sociais acima descritos operam de forma similar. Pince-se o exemplo da parlamentar portuguesa Catarina Martins, uma das figuras de proa do Bloco de Esquerda, que foi vítima de uma das maiores campanhas difamatórias da história lusitana, como bem recorda o jornalista Paulo Pena³⁵ em seus apontamentos e estudos intitulado *Fábrica de Mentiras*. Catarina é uma política de esquerda, associada, portanto, às causas sociais, operárias e ligada especialmente ao combate da precarização do trabalho e que se opõe fortemente ao recrudescimento das desigualdades sociais. Portugal está longe de ser um dos países mais desiguais do mundo, como ensina Atkinson³⁶, sendo mais igualitário que EUA, Reino Unido e Brasil, por exemplo, mas muito mais desigual que outras nações europeias como Irlanda, Suécia, Noruega e Dinamarca. Essa situação cria certa tensão política em terras portuguesas, porque os liberais sempre afirmam que o problema de Portugal é não desregulamentar sua economia e deixar que o neoliberalismo crie riquezas, já que, na visão destes, Portugal é igualitário, porém pobre (se comparado às demais nações da UE), ao passo que para os social-democratas ou pessoas com visões mais igualitárias, a despeito de não estar entre os países mais desiguais do mundo, Portugal poderia ser muito mais equânime e está distante das nações com melhor distribuição de riqueza. Da disparidade destas visões ecoa enorme atrito, opera imensa fricção que evidentemente desagua nas redes sociais e respinga sobre os políticos. Para demonstrar que neste ambiente de ansiedade e tensão, é muito fácil alguém ser enganado pelo próprio viés cognitivo, um usuário das redes sociais (consoante exposto na figura 05 logo abaixo) efetuou um *post* de Catarina Martins utilizando um relógio caríssimo, que custaria quase vinte e um mil euros, mas o autor da postagem frisou se tratar de uma fotografia adulterada, ou seja, editada para que parecesse que a parlamentar trajava o apetrecho de luxo. A advertência do autor da postagem em nada adiantou: a fotografia viralizou e Catarina foi taxada de hipócrita, vendida, demagoga e outros predicados não elogiosos.

³⁴ LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

³⁵ PENA, Paulo. **Fábrica de mentiras: viagem ao mundo das fakenews**. Lisboa, Penguin Random House, 2019.

³⁶ ATKINSON, Anthony B. **Desigualdade**. Tradução de Eloisa Câmara. São Paulo: Leya, 2016.

Figura 05: slide de autoria própria, apresentado em seminário de doutoramento na Universidade de Coimbra, em Estudos Contemporâneos em 13 de junho de 2022, na unidade curricular Educação & Comunicação. Teor: post viral em Portugal sobre a parlamentar Catarina Martins, vítima de *fakenews* por adulteração de fotografia, fazendo com que soasse supostamente hipócrita segundo a versão divulgada nas redes, pois pregaria o socialismo, mas usaria um relógio que custaria mais de vinte mil euros.



O mesmo se sucedeu com as teorias conspiratórias da seita norte-americana Q-Anon, que pregava diversas aberrações pelas redes sociais, entre elas a existência de uma seita demoníaca que faria sacrifício de crianças americanas no porão da *Comet*, uma singela pizzaria nos arredores de Washington DC (vide figura 06 adiante). A comandante desta seita? A então candidata Hillary Clinton, que disputava as eleições presidenciais com Donald Trump, que seria eleito em 2016.

Figura 06: *slide* de autoria própria, apresentado em seminário de doutoramento na Universidade de Coimbra, em Estudos Contemporâneos em 13 de junho de 2022, na unidade curricular Educação & Comunicação. Teor: fachada da pizzaria Comet em Washington/DC, onde segundo as *fakenews* propagadas pelo Q-Anon, ocorreriam sacrifícios de crianças sob o comanda da então candidata Hillary Clinton.



Figura 07: *slide* de autoria própria, apresentado em seminário de doutoramento na Universidade de Coimbra, em Estudos Contemporâneos em 13 de junho de 2022, na unidade curricular Educação & Comunicação. Teor: notícia de que enfim, Donald Trump reconhece que Barack Obama nasceu nos EUA.



Dinâmica similar foi a campanha orquestrada por Trump em face do local de nascimento do Barack Obama: o republicano passou ao menos 12 anos afirmando que Obama não nascera nos EUA e, portanto, não poderia ser candidato e eleito presidente dos EUA. Quando instado a apresentar provas, Trump era sempre evasivo, do mesmo modo que o era quando afirmava que tinha vídeos de muçulmanos celebrando em Nova Iorque a explosão das torres gêmeas. Usando seu *twitter* como um verdadeiro canhão de mentiras e desinformação, Trump fez jorrar por anos a fio a desconfiança sobre a naturalidade de Obama, para em 2016, sem grande alarde, confessar que sabia que Obama nascera nos EUA.

Mesmo assim afirmando, o alarido foi ínfimo se comparado ao estardalhaço que passou mais de uma década produzindo, tanto na mídia tradicional, como nas redes sociais. O que há de comum entre o linchamento moral de Catarina Martins nas redes, as acusações contra Hillary e a pizzaria Comet e o ex-presidente Obama? A mídia tradicional foi tímida e inoperante para desfazer a desinformação produzida nos seus próprios meios e também pelas redes sociais. A falsa simetria vingou e a verdade pereceu.

Figura 08: *slide* de autoria própria, apresentado em seminário de doutoramento na Universidade de Coimbra, em Estudos Contemporâneos em 13 de junho de 2022, na unidade curricular Educação & Comunicação. Teor: notícia da responsabilidade do ex-presidente da África do Sul por cerca de 300 mil mortos por cona de negacionismo para com a Aids.



03 – COMUNICANDO E DESINFORMANDO? OS RISCOS DA FALSA SIMETRIA. THABO MBEKI, HIV / AIDS E NEGACIONISMO NOS ANOS 2000.

Negação de Mbeki Aids 'causou 300.000 mortes'

A recusa do presidente sul-africano em aceitar evidências médicas do vírus foi um grande obstáculo ao fornecimento de medicamentos, dizem pesquisadores de Harvard

Thabo Mbeki. Fotografia: Jon Hrusa/EPA

Fonte: THE GUARDIAN

Se estes três casos findaram apenas com a corrosão de popularidades e desfechos eleitorais, é preciso se frisar que a falsa simetria das mídias tradicionais pode ajudar para que ocorram danos muito mais severos: a perda de vidas. Thabo Mbeki foi presidente da África do Sul de 1999 a 2008, e se celebrou por um motivo demasiado torpe: seu negacionismo. Espalhando mentiras contumazes sobre as origens, mecanismos biológicos e formas de contágio do HIV, Mbeki semeou mais caos no continente africano, atrapalhando o combate à infecção viral. Segundo estudos recentes (vide figura 08 acima), estima-se que Mbeki é responsável direta ou indiretamente por no mínimo 300.000 mortes justamente pelo contágio evitável ou ao até pelo tratamento paliativo dos danos provocados ao organismo pela infecção da Aids. E o papel da mídia tradicional? Novamente falho, mesmo em uma era em que as redes sociais apenas engatinhavam, a mídia tradicional não logrou se contrapor ao poder político e dissolver a trama de mentiras espalhadas e não raramente sua cobertura não foi só insuficiente para descortinar a verdade, como ainda acabou por alimentar as teorias absurdas de Mbeki.

Como Harari³⁷ leciona, o poder tem esta característica de lograr, distorcer a realidade ao seu redor, e quanto mais próximo um evento estiver da sede do poder, mais este evento poderá ser objeto de distorção, desinformação e negacionismo, mas cabe à mídia tradicional não apenas ser um depósito de informação que chega por seus canais de comunicação, mas decifrar estes dados e apresentá-los dentro de uma lógica que se pautar pelo direito à informação, respeito aos direitos humanos e veracidade, e não simplesmente adotar uma posição acrítica e cômoda de falsa equidistância dos eventos, como se o papel do jornalismo fosse apenas o de transportar informação. Não, não é. O jornalismo deve poder ser comunicado da informação, apurar esta e transmitir conhecimento, que corresponde à comunicação tratada como informação, e por fim, a informação depurada, o que é crucial em uma era denominada por Floridi³⁸ como Hiper-História, na medida em que as tecnologias de comunicação deixaram de ser meras auxiliares, para se tornarem as efetivas coordenadoras das demais formas tecnológicas, e não se olvidando que um fator agravante deste

³⁷ HARARI, YUVAL. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

³⁸ FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution: how the infosphere is reshaping human reality**. New York: Oxford University Press, 2014.

processo é que grande parte da comunicação política fora capturada pela lógica fascista do nós versus eles, nos dizeres do pesquisador Jason Stanley³⁹.

CONCLUSÃO

Segundo Szwako & Ratton⁴⁰, o Brasil, para citar uma nação, atravessa nestas duas últimas décadas a era de maior negacionismo de sua História. Os autores efetuaram uma extensa compilação da erosão do conhecimento nas mais diversas áreas, que vão desde o negacionismo sanitário, vacinal e médico até o histórico de direitos humanos, segurança pública, educativo ou ambiental. Mesmo que os respectivos autores tenham se restringido a pesquisar o negacionismo apenas em terras brasileiras, é fato notório que este negacionismo não se cinge à terra *brasilis*. O negacionismo se tornou viral e não respeita nenhum tipo de fronteira física, geográfica ou virtual.

Se, como o teórico da comunicação Marshall McLuhan⁴¹ ensinou, o meio é a mensagem, é evidente que a mensagem contemporânea está banhada nos predicados que norteiam a troca de informações via redes sociais. O populismo é o fenômeno social político que marca o século XXI, como o liberalismo marcou o século XVIII e o socialismo venceu o século XIX. Este *ciber* ou tecnopopulismo inunda as redes sociais ao mesmo tempo em que é banhado pelas redes sociais, como leciona Tormey⁴², instituindo um ciclo de pós-verdade que fica a se retroalimentar como esboça Lúcia Santaella⁴³. Como provoca a referida autora: poderá a pós-verdade ter se tornado verdade?

A cibercultura – como Pierre Levy⁴⁴ nomeia este processo de comunicação entre o ambiente físico e o virtual – extrapola o ambiente em rede e começa a moldar a realidade presencial, instituindo, nos dizeres de Floridi, uma *infosfera* que padece de *infodemia* como alertou a OMS no curso da pandemia do coronavírus, em que para além de se combater o patógeno biológico, os governos e entidades de saúde tiveram que enfrentar *tsunamis* de desinformação. Tudo

³⁹ STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução de Bruno Alexander. 2 ed. Porto Alegre: L & PM Editores.

⁴⁰ SZWAKO, José & RATTON, José L. **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.

⁴¹ MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**: *understanding media*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

⁴² TORMEY, Simon. **Populismo**: uma introdução concisa. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2019.

⁴³ SANTAELLA, Lúcia. **A pós verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

⁴⁴ LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: editora 34, 2018.

leva a crer que a humanidade caminha a passos largos para uma infocracia, como adverte Chul Han⁴⁵, um regime político lastreado na informação pura, um modelo mais preocupado com a performance (*perfomancracia*) do que com a verdade ou vontade popular, um regime mais afeito à transmissão de dados do que compromissado com a sedimentação de saberes, reflexão, construção de conhecimento e preservação dos direitos humanos.

E neste sentido, a mídia tradicional, ao invés de funcionar como um anteparo, um freio ou uma força lapidadora destes processos vertiginosos em que a democracia parecer estar sendo erodida, ao revés, o jornalismo profissional tem operado como uma linha auxiliar que foi acoplada pelo ciberepopulismo, ecoando a velocidade e falta de qualidade das informações que transitam nas redes sociais. A necessidade de contraditório e o respeito aos sagrados princípios do jornalismo profissional têm sido distorcidos em práticas meramente formais, que acabam por permitir que a lógica anárquica das redes sociais confunda ainda mais os cidadãos e ainda logrem legitimar parte da desinformação que jorra no ambiente virtual junto ao ambiente da mídia tradicional. A mídia tradicional tem servido de trampolim para personagens e atores sociais, políticos e econômicos que ganham com a desinformação e obtêm respeitabilidade e espaço para difundirem suas plataformas nocivas à sociedade e ao ambiente democrático sob o pálio do sagrado direito de ouvir todas as partes envolvidas com o mesmo tempo e espaço.

Coimbra, junho de 2022.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, Anthony B. **Desigualdade**. Tradução de Eloisa Câmara. São Paulo: Leya, 2016.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BOTTON, Alain de. **Notícias: manual do usuário**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- BRUZZONE, Andrés. **Ciberepopulismo: democracia e política no mundo digital**. São Paulo: Contexto, 2021.

⁴⁵ CHUL HAN, Byung. **Infocracia: la digitalización y la crisis de la democracia**. Traducción de Joaquín Chamorro Mielke. Barcelona: Penguin, 2021.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

CHUL HAN, Byung. **Infocracia: la digitalizacion y la crisis de la democracia.** Traducción de Joaquín Chamorro Mielke. Barcelona: Penguin, 2021.

COSTA PINTO, António. **O Regresso das ditaduras?** Lisboa: Fundação Manuel dos Santos, 2021.

DEBBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

EMPOLLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos.** Tradução de Arnaldo Bloch 1ª ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

FANCELLI, Uriã. **Populismo & Negacionismo: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista.** Curitiba: Appris, 2021.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história.** Tradução de Jaime Araújo. São Paulo: Almedina, 2019.

FRATINI, Eric. **Ahrnberbe: os cientistas de Hitler.** Tradução de Rita Custódio e Alex Tarradellas. Lisboa: Bertrand, 2021.

FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution: how the infosphere is reshaping human reality.** New York: Oxford University Press, 2014.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

HARARI, YUVAL. **Homo Deus: uma breve história do amanhã.** Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** Traduzido por Adail Ubirajara Sobral. Rio de Janeiro: Loyola, 2017.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875 – 1914.** Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**. Tradução de Rosasura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

INNERARITY, Daniel. **Política para perplexos: o fim das certezas**. Tradução de Leonardo A. R. T. dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2018.

INNERARITY, Daniel. **A política em tempos de indignação: a frustração popular e os riscos para a democracia**. Tradução de João Pedro Jorge. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: editora 34, 2018.
MCLUHAN, Marshall **Os meios de comunicação como extensões do homem: *understanding media***. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MELLO, Patrícia C. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fakenews e violência digital**. São Paulo,: Companhia das Letras, 2020.

MORELOCK, Jeremiah & NARITA, Felipe Z.. **O problema do populismo: teoria, política e mobilização**. Jundiaí: Paco, 2019.

NAIM, Moises. **O fim do poder: como os novos e múltiplos poderes estão mudando o mundo e abalando os modelos nos negócios, nas igrejas e na mídia**. São Paulo: LeYa, 2019.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. Tradução de Rafael Abraham. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

PENA, Paulo. **Fábrica de mentiras: viagem ao mundo das *fakenews***. Lisboa, Penguin Random House, 2019.

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Tradução de Milton Amado. 3 ed. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1987.

PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Ed. Schwarcz, 2019.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. 1ª ed., São Paulo: Todavia, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução de Bruno Alexander. 2 ed. Porto Alegre: L & PM Editores.

SZWAKO, José & RATTON, José L. **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.

TORMEY, Simon. **Populismo**: uma introdução concisa. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2019.

SITES

CADERNO BRASILEIRO DE ENSINO DE FÍSICA - **O ataque organizado à ciência como forma de manipulação: do aquecimento global ao coronavírus** - <http://dx.doi.org/>

EDUCAÇÃO & REALIDADE - **Negação da Política e Negacionismo como Política**: pandemia e democracia - <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236109146>

FREEDOM HOUSE – <https://freedomhouse.org/expanding-freedom-and-democracy>

JOURNAL OF DEMOCRACY - <https://www.journalofdemocracy.org/articles/why-the-future-is-democratic/#f1>

NEXO JORNAL - <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2022/Por-que-%C3%A9-importante-educar-para-as-redes-sociais>

REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA - **O uso político da cloroquina**: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo - <http://doi.org/10.20336/rbs.774>

REVISTA DE EDUCAÇÃO E ESTUDOS EM DIVERSIDADE - **Ciência e sociedade civil sob necropolíticas** - <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>

REVISTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS - **SARS-COV-2: pandemia, negacionismo científico populista de extrema direita e a utilização off label de medicamentos** - <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v25n1p>

THE GUARDIAN - <https://www.theguardian.com/world/2008/nov/26/aids-south-africa>

WIKIPEDIA - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pizzagate>

VÍDEOS, IMAGENS & FOTOGRAFIAS

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - <https://www.dn.pt/sociedade/artistas-querem-atualizar-mulher-que-encarna-os-valores-da-revolucao-francesa-14551041.html> & <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/28-out-2018/uma-experiencia-antipopulista-criou-uma-noticia-falsa-10090409.html>

DW - <https://www.dw.com/pt-br/trump-reconhece-que-obama-nasceu-nos-estados-unidos/a-19557968>

FREE JPG - <https://br.freejpg.com.ar/imagens/premium/172372198/random-tipografo>

FREE PIK - <https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/icones-redes-sociais>

HYPENESS - <https://www.hypeness.com.br/2019/11/estrela-de-comerciais-por-14-anos-homem-marlboro-morre-sem-nunca-ter-fumado/>

OMS - https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1

NETFLIX (Waldo / Black Mirror) - <https://www.netflix.com/title/70264888>

NETFLIX (Não olhe para cima) - <https://www.netflix.com/title/81252357>

NOTÍCIAS DA TV - <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/cnn-ressuscita-o-grande-debate-sem-caio-coppolla-nem-comentaristas-fixos-60622>

SOCIENTÍFICA - <https://socientifica.com.br/enciclopedia/petroleo/>

SUPERINTERESSANTE - <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/terra-plena-por-que-a-teoria-da-terra-plana-nao-faz-nenhum-sentido/>

WIKIPEDIA - https://pt.wikipedia.org/wiki/Gazeta_de_Lisboa

YOUTUBE - <https://www.youtube.com/watch?v=ZJdJdJUhaIc>

Recebido em: 27/11/2022 | Aprovado em: 27/12/2022